

O que Mudou nas Exportações e Importações da Indústria

Fernando Pimentel Puga*

14 de julho de 2006

Os dados de 2005 mostraram uma continuidade do bom desempenho do comércio exterior brasileiro, apontando para um aumento no grau de abertura da economia. Este bom desempenho, no entanto, vem sendo ofuscado por análises que explicam o crescimento das exportações com base na melhora dos preços de *commodities* exportadas pelo Brasil. Desse ponto de vista, o maior direcionamento das vendas para o mercado externo teria sido concentrado nos setores intensivos em recursos naturais. Nos demais setores, estaria ocorrendo um movimento de substituição da produção doméstica por importações.

A análise dos coeficientes de comércio exterior visa quantificar esses movimentos de direcionamento das vendas para o mercado externo e de substituição da produção doméstica por importações. No caso do coeficiente de exportação do setor (exportação/produção), busca-se averiguar se a sua produção está sendo predominantemente dirigida ao mercado doméstico – baixo coeficiente – ou ao mercado externo – elevado coeficiente.

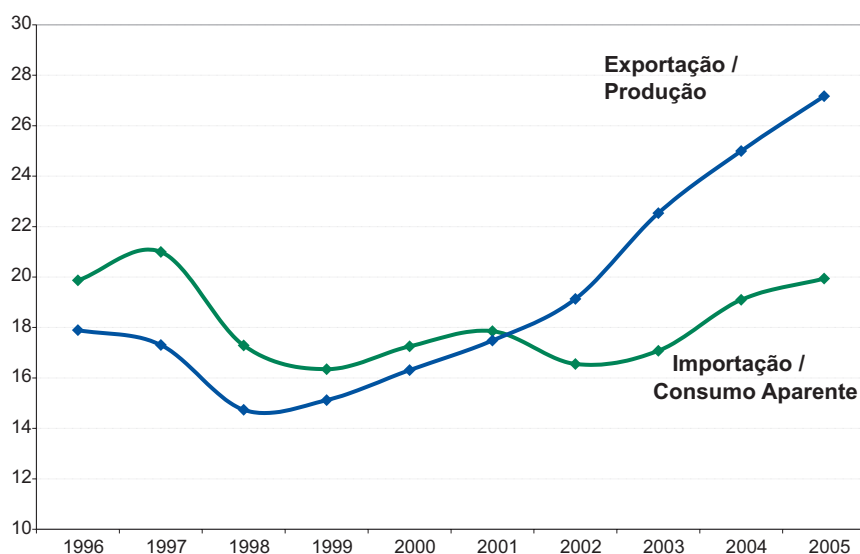
No que se refere ao coeficiente de penetração das importações do setor (importação/consumo aparente), um aumento no índice sugere um processo de substituição de produção doméstica por importações. Em ambos os coeficientes, manteve-se fixa a paridade de poder de compra da produção doméstica em relação aos valores da exportação e importação, de forma a permitir uma análise dos dados em termos reais.

O Gráfico 1 mostra o comportamento dos coeficientes de comércio. Como se pode verificar, ocorreu uma elevação no

*Assessor da Presidência do BNDES.

coeficiente das exportações em 2005, com as vendas externas respondendo por 27% da produção no ano, ante 19% em 2002. Houve também um aumento no coeficiente de penetração das importações, que passaram a responder por 20% da demanda brasileira de bens da indústria, contra 17% em 2002. Tais movimentos evidenciam o maior grau de abertura da economia.

Gráfico 1
Coeficientes de Exportação e de Penetração das Importações (%)



Fonte: Secex, Funcex e IBGE (elaboração própria).

As questões que se colocam são: 1) se o maior direcionamento das vendas para o mercado externo está concentrado em setores que se beneficiaram de aumentos internacionais nos preços de *commodities*; e 2) se nos demais setores estaria ocorrendo um movimento de substituição de produção doméstica por importados.

A partir da Tabela 1, tenta-se responder à primeira questão levantada. Em contraste com a percepção de que o direcionamento das vendas para o mercado externo seja explicado

Tabela 1**Coefficiente de Exportações (Exportação/Produção) – 1996/2005**

	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Industria geral	18	17	15	15	16	17	19	23	25	27
Indústria extrativa	66	64	63	56	60	65	71	76	89	87
Extr. de min. metálicos	70	67	73	69	71	72	76	76	90	87
Indústria de transformação	17	16	14	14	15	16	18	21	23	25
Alimentos e bebidas	23	20	16	15	15	19	21	24	27	30
Têxtil	14	12	9	9	9	11	11	16	17	18
Vestuário e acessórios	6	5	3	3	5	6	5	7	8	8
Calçados e artigos de couro	49	41	31	32	36	41	41	49	52	52
Madeira	38	38	33	41	45	47	55	62	72	71
Papel e Celulose	17	17	17	24	22	24	24	29	29	31
Refino de petróleo e álcool	5	4	4	6	7	10	10	12	12	14
Produtos químicos	9	10	8	8	9	8	10	12	13	13
Borracha e plástico	8	8	7	6	7	8	9	11	11	13
Minerais não metálicos	8	9	8	7	9	8	11	14	18	19
Metalurgia básica	48	41	28	33	31	30	33	34	32	34
Produtos de metal – exc. máq. e equip.	7	7	6	5	6	6	5	7	9	9
Máquinas e equipamentos	25	26	21	20	20	19	20	27	32	35
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	13	12	10	9	10	10	11	13	15	17
Material eletrônico e comunicações	11	10	7	11	16	15	16	20	17	31
Veículos automotores	23	27	23	20	21	21	23	30	32	36
Outros equipamentos de transporte	11	22	32	57	74	64	42	31	54	42
Mobiliário	12	11	9	10	12	13	14	17	19	19

Fonte: Secex, Funcex e IBGE (elaboração própria).

pela elevação de preços de *commodities*, a tabela mostra que a alta nos coeficientes de exportação entre 2002 e 2005 foi generalizada. O aumento foi mais expressivo nos setores de indústria extrativa, madeira, material eletrônico e comunicações, máquinas e equipamentos e veículos automotores. De acordo com dados da Funcex, o desempenho dos preços ficou abaixo do total de aumento dos preços de exportação nos setores de eletrônicos; máquinas e tratores; e veículos automotores. Houve queda de 10,8% dos preços de eletrônicos, aumentos de 11,2% em máquinas e tratores e 11,4% em veículos automotores, contra um aumento de 12,2% no total dos preços de exportação.

No que tange à questão relacionada ao movimento de substituição de importações, a Tabela 2 mostra, de fato, uma presença maior de bens importados na demanda doméstica em diversos setores. Esse movimento, no entanto, tem sido expressivo em setores que experimentaram maior aumento no coeficiente de exportações, ou seja, material eletrônico e comunicações, máquinas e equipamentos e veículos automotores.

Uma análise mais detida desses três setores sugere que, em cada caso, os aumentos nos dois coeficientes de comércio são de naturezas distintas. A expansão das importações de material eletrônico e comunicações está particularmente relacionada ao próprio crescimento nas exportações do setor, e consiste principalmente na compra de insumos importados para a fabricação de bens para a exportação – trata-se, portanto, de um caso de complementaridade.

Em máquinas e equipamentos, observa-se um comportamento bastante distinto entre os segmentos (ver *BNDES, Sinopse do Investimento nº 3*, em www.bndes.gov.br). O aumento na concorrência com bens importados tem sido bastante pronunciado nos segmentos de bens de capital para fins industriais e de uso misto, ao passo que o segmento de bens de capital para infra-estrutura tem conseguido ampliar significativamente suas exportações. Assim, tem-se um processo de perdas e ganhos de demanda final diferenciado entre os segmentos do setor frente ao mercado externo.

Tabela 2**Coefficiente de Penetração das Importações (Importação/Consumo Aparente) – 1996/2005**

	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Industria geral	20	21	17	16	17	18	17	17	19	20
Indústria extrativa	76	73	62	59	67	69	71	75	91	86
Extr. de min. metálicos	23	21	17	19	21	20	22	21	53	38
Indústria de transformação	18	20	16	15	16	17	15	15	17	17
Alimentos e bebidas	9	8	7	4	4	4	4	4	4	4
Têxtil	11	14	10	8	9	8	8	9	9	11
Vestuário e acessórios	7	8	5	3	3	3	3	3	4	6
Calçados e artigos de couro	15	11	6	5	6	7	6	7	8	9
Madeira	5	6	5	3	4	3	3	5	7	6
Papel e Celulose	10	10	10	11	10	10	9	8	10	10
Refino de petróleo e álcool	13	12	9	12	16	15	12	10	10	10
Produtos químicos	21	22	20	21	21	22	23	25	27	25
Borracha e plástico	12	12	11	9	10	11	11	12	14	15
Minerais não metálicos	6	7	5	4	4	5	5	6	7	7
Metalurgia básica	16	19	12	13	12	14	11	10	9	11
Produtos de metal - exc. máq. e equip.	11	11	10	7	7	8	8	8	9	9
Máquinas e equipamentos	41	48	39	37	32	34	31	33	32	36
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	24	31	26	24	23	26	28	26	24	22
Material eletrônico e comunicações	47	42	30	37	39	33	25	34	40	50
Veículos automotores	26	30	24	19	17	18	15	16	16	19
Outros equipamentos de transporte	12	28	34	55	61	49	26	21	32	28
Mobiliário	12	12	8	6	6	6	6	6	6	7

Fonte: Secex, Funcex e IBGE (elaboração própria).

Já a dinâmica em veículos automotores está relacionada a um aumento no comércio intra-indústria. O Brasil exporta determinados modelos e importa outros, dentro de uma lógica que visa ganhos de escala, com especializações internacionais.

Em suma, a análise realizada não corrobora o argumento de que o bom desempenho das exportações, em relação ao valor da produção, possa ser explicado basicamente pela melhora dos preços internacionais de *commodities*. O aumento do coeficiente de exportações foi generalizado e expressivo em setores manufaturados de maior valor agregado.

Já os coeficientes de penetração das importações confirmam o aumento da participação dos importados na demanda doméstica, em 2005, em diferentes setores da indústria. Entretanto, nem todos os aumentos estão ligados diretamente à substituição de produção doméstica por importados, mas sim ao próprio desempenho exportador.

A reestruturação da indústria brasileira frente ao comércio exterior não deve, portanto, ser vista fundamentalmente como uma resposta reativa às flutuações nos preços externos ou à taxa de câmbio. Existem estratégias empresariais em curso que merecem ser levadas em consideração.